

## Apresentação do Tradutor do *Memorando Powell*

A ascensão e a consolidação, no cenário político brasileiro e internacional, dos movimentos sociais defensores de uma sociedade individualista, hierarquizada por meio do acúmulo de propriedade privada, e com relações sociais mediadas pelas trocas mercantis – logo, pelo trabalho – têm despertado o interesse de diversos pesquisadores. A tradução e publicação do “Memorando Powell” procura ser uma pequena contribuição nesse esforço de pesquisa<sup>1</sup>.

Datado de 23 de agosto de 1971 e enviado como documento confidencial para a Câmara de Comércio dos Estados Unidos (CCEU) por Lewis Powell, que no mesmo ano viria a ser juiz associado da suprema corte estadunidense, o memorando sugere diversas medidas para aplacar as críticas à sociedade capitalista, apontando as fontes de recursos necessárias para sua execução, constituindo, assim, indícios que ajudam a elucidar como foram formados os movimentos sociais de direita a partir dos anos de 1970. Chama a atenção, no documento, a amplitude das ações recomendadas por Powell em defesa do capitalismo, que vão desde intervenções em livros escolares até financiamento de programas de televisão e de rádio, passando pela disponibilidade de recursos para acadêmicos alinhados com a defesa do “sistema empresarial”.

O tamanho da ação, justifica o magistrado, deve-se à proliferação do pensamento de “esquerda” nos mais diversos espaços da vida econômica, política e cultural estadunidense – da universidade aos programas de TV –, nos quais o capitalismo é atacado de forma sucessiva e em várias frentes. Inclusive, segue o juiz, intelectuais liberais embarcaram nessas críticas, deixando poucos espaços para os defensores do capitalismo. Para reverter esse quadro, sugere, além das medidas de ordem prática, o compromisso dos capitalistas estadunidenses com o financiamento das ações propostas.

O memorando permaneceu confidencial por pouco tempo. Em 28 de setembro de 1972, o jornalista Jack Anderson divulgou partes do texto, procurando demonstrar a parcialidade de Powell, então juiz da suprema corte estadunidense, em favor das corporações desse país e, com isso, minar sua legitimidade<sup>2</sup>. Embora o juiz não tenha sido destituído de seu cargo, a divulgação de partes do memorando fez como que a CCEU decidisse publicar o documento completo e distribuí-lo a quem o solicitasse.

<sup>1</sup> Agradeço a sugestão de leitura e de tradução do memorando ao professor Paulo Nakatani, que me apresentou esse documento no final do ano passado.

<sup>2</sup> Para essa informação: <<http://law2.wlu.edu/powellarchives/page.asp?pageid=1251>>

As mensagens que se seguiram à circulação do documento na CCEU atestam sua contribuição para a reorganização da direita e de seus movimentos sociais<sup>3</sup>, tornando-o, diante do enorme avanço dos movimentos sociais de direita, peça chave para que os movimentos sociais comprometidos com a emancipação humana figurem os meios políticos, econômicos e ideológicos para a contínua afirmação do capitalismo como único modo de organização da reprodução das condições materiais necessárias à vida social.

---

<sup>3</sup> Sobre as mensagens seguintes à circulação do memorando na CCEU, consultar: <<http://law2.wlu.edu/deptimages/Powell%20Archives/PowellSpeechResearchAOFESMemo.pdf>>

Há também um conjunto de mensagens após a divulgação do memorando na imprensa: <<http://law2.wlu.edu/deptimages/Powell%20Archives/PowellSCSFChamberofCommerce.pdf>>

# O Memorando Powell\*

**MEMORANDO CONFIDENCIAL:** Ataque ao sistema americano de livre empresa<sup>1</sup>.

**DATA:** 23 de Agosto de 1971.

**PARA:** Sr. Eugene B. Sydnor Jr., presidente do comitê de educação da Câmara de Comércio dos Estados Unidos.

**DE:** Lewis F. Powell Jr.

Esse memorando é submetido ao seu pedido como uma base para a discussão em 24 de agosto com o Sr. Booth (vice-presidente executivo) e outros na Câmara de Comércio dos Estados Unidos. O propósito é identificar o problema e sugerir possíveis caminhos de ação, para consideração posterior.

## DIMENSÕES DO ATAQUE

Nenhuma pessoa atenta pode questionar que o sistema econômico americano está sob amplo ataque, que varia em escopo, em intensidade, na técnica empregada e no nível de visibilidade.

Sempre existiram aqueles que se opuseram ao sistema americano e preferiram o socialismo ou alguma forma de estatismo (comunismo ou fascismo). Também sempre existiram críticos do sistema, cuja crítica tem sido salutar e construtiva, desde que o objetivo fosse melhorar, em vez de subverter ou destruir o sistema.

Porém, o que agora nos preocupa é bastante novo na história da América. Nós não estamos lidando com ataques esporádicos ou isolados de relativamente poucos extremistas ou mesmo de um grupo minoritário de socialistas. Ao contrário, o violento ataque sobre o sistema empresarial está amplamente baseado e é perseguido consistentemente, ganhando impulso e convertidos.

## FONTES DO ATAQUE

As fontes do ataque são variadas e difusas. Elas incluem, sem novidades, os comunistas, novos esquerdistas e outros revolucionários que gostariam de destruir o sistema político e econômico por inteiro. Esses extremistas da esquerda

\* Também conhecido como o “Manifesto Powell”, esse memorando foi publicado pela primeira vez em 23 de Agosto de 1971. O presente documento foi traduzido do site *Reclaiming Democracy*. Todas as notas de rodapé foram acrescentadas pelo próprio Powell. Disponível em: <[http://reclaimdemocracy.org/powell\\_memo\\_lewis/](http://reclaimdemocracy.org/powell_memo_lewis/)>, acessado em 22/07/2016.

Traduzido por Henrique Pereira Braga: Professor do Departamento de Economia da UFES.

<sup>1</sup> Nomeado de diversas maneiras: o “sistema de livre empresa”, “capitalismo” e o “sistema do lucro”. O sistema de democracia político americano sob a regra da lei também está sob ataque, às vezes pelos mesmos indivíduos e organizações que procuram solapar o sistema empresarial.

são muito mais numerosos, melhores financiados e crescentemente são mais bem-vindos e encorajados por outros elementos da sociedade do que nunca antes em nossa história. Mas eles permanecem uma pequena minoria e não são, ainda, a principal causa de preocupação.

As vozes mais inquietantes que se juntam ao coro da crítica vêm de elementos da sociedade perfeitamente respeitáveis: dos *campi* universitários, do púlpito, da mídia, das revistas intelectuais e literárias, das artes e ciências e dos políticos. Na maioria desses grupos, apenas as minorias participam do movimento contra o sistema. Embora esses sejam os mais bem articulados, francos e fecundos em seus escritos e discursos.

Mais ainda, grande parte da mídia – por motivos variados e em vários graus – voluntariamente concede publicidade, sem precedentes, para esses “críticos” [attackers], ou, ao menos, permite a eles explorarem a mídia para seus propósitos. Isso é especialmente verdadeiro sobre a televisão, que agora desempenha tão predominante papel em modelar o pensamento, a atitude e as emoções de nossa gente.

Um dos paradoxos desconcertantes de nosso tempo é a extensão em que o sistema empresarial tolera, se não participa em, sua própria destruição.

Os *campi* dos quais emanam muitas das críticas são apoiados pelos (i) impostos gerados largamente das empresas americanas e (ii) contribuições dos fundos de capital controlados ou gerados pelas empresas americanas. Os conselhos de administração de nossas universidades são esmagadoramente compostos de homens e mulheres que são líderes no sistema.

Grande parte da mídia, incluindo os sistemas nacionais de TV, é pertencente e, teoricamente, controlada pelas corporações que dependem dos lucros e do sistema empresarial para sobreviver.

### **TOM DO ATAQUE**

Esse memorando não é o lugar para documentar em detalhe o tom, o caráter ou a intensidade do ataque. As citações a seguir serão suficientes para dar uma ideia geral:

William Kunstler, calorosamente bem recebido nos *campi* e listado em pesquisa recente junto aos estudantes como o “advogado americano mais admirado”, incita sua audiência assim: “Vocês devem aprender a lutar nas ruas, a rebelar-se e a atirar com armas. Nós aprenderemos a fazer todas as coisas que os detentores de propriedade temem”<sup>2</sup>. Os novos esquerdistas, que crescentemente prestam atenção ao conselho de Kunstler, estão começando a agir – não apenas contra os postos de recrutamento militar e manufaturas de munição, mas também contra

<sup>2</sup> Richmond News Leader, 08/06/1970. Coluna de William F. Buckley Jr.

uma variedade de negócios: “Desde de fevereiro de 1970, agências (do Bank of America) foram atacadas 39 vezes, 22 vezes com dispositivos explosivos e 17 vezes com bombas de fogo ou incendiárias”<sup>3</sup>. Embora os porta-vozes do novo esquerdismo tenham sucesso em radicalizar milhares de jovens, a grande causa para preocupação é a hostilidade de liberais respeitáveis e reformadores sociais. É o somatório total de suas visões e influências que fatalmente poderia enfraquecer e destruir o sistema.

Uma arrepiante descrição do que está sendo ensinado na maioria de nossos *campi* foi escrita por Stewart Alsop: “Yale, semelhante a qualquer outra grande universidade, está formando numerosos jovens brilhantes que são praticantes da ‘política do desespero’. Esses moços desprezam o sistema político e econômico americano... [suas] mentes parecem estar completamente fechadas. Eles vivem não por meio de discussões racionais, mas sim por meio de slogans estúpidos.”<sup>4</sup>. Uma recente pesquisa com estudantes de doze *campi* representativos reportou que “quase metade dos estudantes eram a favor da socialização das indústrias de base americanas”<sup>5</sup>.

Um professor visitante da Inglaterra no Rockford College proferiu uma série de palestras intituladas “A guerra ideológica contra a sociedade ocidental”, na qual documentou a extensão em que membros da comunidade intelectual estão travando uma guerra ideológica contra o sistema empresarial e os valores da sociedade ocidental. Numa introdução de uma dessas palestras, o famoso Dr. Milton Friedman, de Chicago, alertou: “Está cristalino que os fundamentos de nossa sociedade livre estão sob vasto e poderoso ataque – não pelos comunistas ou por qualquer conspiração, mas sim por indivíduos mal orientados, papariando uns aos outros e servindo inconscientemente fins que eles nunca intencionalmente promoveriam.”<sup>6</sup>.

Talvez o antagonista mais eficaz da empresa americana seja Ralph Nader, que – graças largamente à mídia – tem sido uma lenda em nosso tempo e um ídolo de milhões de americanos. Um recente artigo na Fortune fala de Nader assim:

“A paixão que rege ele – e ele é um homem apaixonado – é destinada a esmagar completamente o alvo de seu ódio, que é o poder corporativo. Ele pensa, e diz sem rodeios, que uma grande quantidade de executivos corporativos deveria estar na prisão – por defraudarem os consumidores com propaganda ordinária, ofertarem comida envenenada por aditivos químicos e, intencionalmente, fabri-

<sup>3</sup> N.Y. Times Service Article, reimpresso por Richmond Times-Dispatch, 17/05/1971.

<sup>4</sup> Stewart Alsop, Yale e o Perigo Mortal, Newsweek, 18/05/1970.

<sup>5</sup> Editorial, Richmond Times-Dispatch, 07/07/1971.

<sup>6</sup> Dr. Milton Friedman, Prof. de Economia da Universidade de Chicago, escrevendo uma introdução para a palestra do Dr. Arthur A. Shenfield no Rockford College, intitulada “A guerra ideológica contra a sociedade ocidental”, direitos de propriedade de Rockford College, 1970.

carem produtos inseguros que mutilarão ou matarão o comprador. Ele enfatiza que não está considerando apenas aventureiros, mas sim a alta gerência das grandes empresas.”<sup>7</sup>.

Um ataque violento e frontal foi feito ao nosso governo, ao nosso sistema de justiça e ao sistema de livre empresa pelo professor de Yale, Charles Reich, em seu livro, amplamente conhecido, “The Greening of America”, publicado no último inverno.

As referências acima expostas ilustram o ataque massivo ao próprio sistema. Há incontáveis exemplos de ataques pontuais que solapam a confiança e confundem o público. Os alvos atuais preferidos são as propostas de incentivos fiscais, por meio de mudanças nas taxas de depreciação ou créditos de investimento. Esses são comumente descritos na mídia como “isenções fiscais”, “lacunas” ou “benefícios fiscais” para beneficiarem as empresas. Como observado pelo colunista do [Washington] Post, tal medida fiscal beneficiaria “apenas o rico, os detentores de grandes companhias”<sup>8</sup>.

É desanimador que muitos políticos utilizem o mesmo argumento, o de que medidas fiscais desse tipo beneficiam apenas as “empresas”, sem benefícios para o “pobre”. O fato de se tratar de demagogia política ou analfabetismo econômico é um ligeiro conforto. Estabelecer o “rico” contra o “pobre”, as empresas contra as pessoas, é o tipo de política mais baixa e mais perigosa.

### **A APATIA E A OMISSÃO DA EMPRESA**

Qual tem sido a resposta da empresa para esse ataque violento e massivo sobre seu fundamento econômico, sobre sua filosofia, sobre seu direito de continuar a gerenciar seu próprio interesse e, acima de tudo, sobre sua integridade?

A dolorosa e triste verdade é que a empresa, incluindo o conselho de diretores e os executivos de alto escalão das grandes e pequenas corporações e as organizações empresariais em todos os níveis, quase sempre tem respondido – se não em todos os casos – com apaziguamento, inépcia e ignorando o problema. Há, claro, muitas exceções nessa abrangente generalização, mas o efeito final de tal resposta tem sido escassamente visível.

Com toda a justiça, deveria ser reconhecido que os homens de negócios não têm sido treinados ou preparados para conduzirem a guerra de guerrilha com aqueles que propagandeiam contra o sistema, procurando insidiosa e constantemente a sua sabotagem. O papel tradicional dos executivos das empresas

<sup>7</sup> Fortune. 05/1970, p.145. Essa análise da influência de Nader feita pela Fortune inclui uma referência à visita de Nader a uma faculdade, a qual pagou 2.500,00 dólares por sua palestra “denunciando as grandes corporações americanas em linguagem venenosa... arrancando (vibrante e espontânea) salva de palmas” ao lhe ser perguntado quando pretendia concorrer para presidente.

<sup>8</sup> The Washington Post, Coluna de William Raspberry, 28/06/1971.

tem sido de gerenciar, de produzir, de vender, de criar trabalho, de gerar lucro, de elevar o padrão de vida, de ser líder da comunidade, de servir em conselhos educacionais ou de caridade e, geralmente, de ser bom cidadão. Na verdade, eles exercem essa tarefa muito bem.

Mas eles têm demonstrado pouco estômago para se meterem a contestar seus críticos, bem como pouca habilidade no efetivo debate intelectual e filosófico.

Uma coluna recentemente publicada pelo Wall Street Journal intitulada “Memorando à GM: por que não contra-atacar?”<sup>9</sup>. Embora dirigida nominalmente à GM, o artigo era um alerta para todas as empresas americanas. Diz o colunista St. John:

“A General Motors, como em geral a empresa americana, está ‘claramente em apuros’ porque pensamentos banais vêm sendo substituídos por pensamentos contundentes que expõem seu ponto de vista.” Sr. St. John comenta, em seguida, a tendência dos líderes empresariais em concordarem com e apaziguarem os críticos. Ele cita as concessões que Nader ganha da administração e fala da “falaciosa visão que muitos homens de negócios tomam de seus críticos”. Ele realiza um paralelo com a tática errônea de muitos gestores universitários: “Gestores universitários aprenderam muito tarde que tal apaziguamento serve para destruir a liberdade de expressão, a liberdade acadêmica e a pesquisa genuína. Uma demanda radical no *campus*, concedida pelos diretores, apenas serviu de campo fértil para uma escalada de demandas que culminou com sua rendição definitiva.”

Alguém pode não concordar inteiramente com a análise do Sr. St. John. Porém, muitos observadores da cena americana concordaram que a essência de sua mensagem é contundente: empresa americana “claramente em apuros”; a resposta para uma gama de críticos não tem sido efetiva e tem incluído apaziguamento; chegou o tempo – na verdade, passou da hora – da sensatez, da engenhosidade e dos recursos da empresa americana serem dirigidos contra quem gostaria de sua destruição.

## RESPONSABILIDADE DOS EXECUTIVOS DAS EMPRESAS

O que especificamente precisa ser feito? A primeira ação essencial – e pré-requisito para qualquer outra ação – é o homem de negócios confrontar esse problema como a responsabilidade primária do administrador da corporação.

A necessidade primordial é, para o homem de negócios, reconhecer que a questão principal pode ser sobrevivência – sobrevivência do que nós chamamos de sistema de livre empresa e tudo o que isso significa para a força e a prosperidade da América e a liberdade de nossa gente.

<sup>9</sup> Jeffrey St. John, The Wall Street Journal, 21/05/1971.

Passou, há muito, o dia em que o chefe-executivo do escritório de uma grande corporação dava conta de sua responsabilidade por meio da manutenção de um crescimento satisfatório dos lucros, com o devido cuidado das responsabilidades públicas e sociais da corporação. Se é pela sobrevivência do nosso sistema, os administradores chefes deveriam estar igualmente preocupados com a proteção e preservação do próprio sistema. Isso envolve muito mais do que ampliar a ênfase sobre as “relações públicas” ou os “assuntos governamentais” – duas áreas em que as corporações têm, há muito tempo, investido somas substanciais.

Um primeiro passo significativo, a ser dado pelas corporações individuais, bem que poderia ser a designação de um vice-presidente executivo (junto com outros executivos importantes) cuja responsabilidade é contra-atacar o amplo grupo de ataque ao sistema empresarial. O departamento de relações-públicas poderia ser uma das fundações designadas para esse executivo, mas suas responsabilidades deveriam abranger alguns dos tipos de atividades referidas na sequência desse memorando. Seu orçamento e pessoal deveriam ser adequados para a tarefa.

### **O POSSÍVEL PAPEL DA CÂMARA DE COMÉRCIO**

As atividades independentes e não-coordenadas das corporações individuais, embora importantes, não serão suficientes. [Fazem-se necessárias] Linhas fortes na organização, com cuidadoso planejamento e implementação de longo alcance, com consistência de ação por um período indefinido de anos, na escala de financiamento disponível apenas por meio de esforço conjunto e com a força política disponível apenas por meio de uma unidade de ação e organização nacional.

Mais ainda, existe uma considerável e compreensível relutância da parte de qualquer corporação em prosseguir muito longe no enfrentamento e fazer de si própria um alvo muito visível.

O papel da Câmara Nacional de Comércio é, portanto, vital. Outras organizações nacionais (especialmente aquelas de vários grupos industriais ou comerciais) deveriam somar esforços, mas nenhuma outra organização parece tão bem situada como a Câmara. Desfruta de uma posição estratégica, com uma boa reputação e uma ampla base de apoio. Também – e isso é um mérito incomensurável – há centenas de câmaras locais de comércio que podem desempenhar um papel vital de apoio.

Não é preciso dizer que, antes de embarcar em qualquer programa, a Câmara deveria estudar e analisar as possíveis linhas de direção de ações e de atividades, pesando os prováveis riscos quanto à efetividade e à viabilidade de cada uma. Considerações a respeito do custo, da garantia de apoio financeiro e outro

dos membros, da adequação do pessoal envolvido e de problemas similares requererão a mais ponderada consideração.

### **O CAMPUS**

O ataque violento sobre o sistema empresarial não foi aumentado em poucos meses. Gradualmente evoluiu ao longo das últimas duas décadas, apenas perceptível em sua origem e beneficiando (sic) {no original} de um gradualismo que provocou pouca conscientização, muito menos qualquer reação real.

Embora origens, fontes e causas sejam complexas e inter-relacionadas, obviamente difíceis de identificar sem uma qualificação cuidadosa, existe razão para acreditar que o *campus* é a fonte mais dinâmica. As faculdades de ciências sociais usualmente incluem membros que não são simpáticos ao sistema empresarial. Eles podem variar de um Herbert Marcuse, docente marxista da Universidade da Califórnia, em San Diego, e convicto socialista, aos críticos liberais ambivalentes, que se satisfazem mais em condenar do que em elogiar. Tais docentes não precisam estar em maioria. Geralmente, são personalidades atrativas e magnéticas, são professores estimulantes e suas controvérsias atraem o segmento estudantil. Eles são prolíficos escritores e palestrantes, autores de muitos livros-textos e exercem enorme influência – muito maior do que em proporção ao seu número – sobre seus colegas e o mundo acadêmico.

Os docentes das ciências sociais (os cientistas políticos, economistas, sociólogos e muitos dos historiadores) tendem a ter orientação liberal, mesmo quando esquerdistas não estão presentes. Isso não é uma crítica *per se* [em si mesma], na medida em que o pensamento liberal é essencial para um ponto de vista equilibrado. A dificuldade é que “equilibrado” é ostensivamente ausente em muitos *campi*, com relativamente poucos membros sendo de posição conservadora ou moderada, e, mesmo os poucos, relativamente, são menos articulados e agressivos do que seus colegas cruzados.

Essa situação remonta há muitos anos e com um desequilíbrio gradualmente pior, tem tido um enorme impacto sobre milhões de jovens estudantes americanos. Num artigo na Barron's Weekly, procurando uma resposta para o porquê de tantas pessoas jovens estarem insatisfeitas, mesmo sendo revolucionárias, diz o seguinte: “Porque eles foram ensinados dessa maneira.”<sup>10</sup>. Ou, como notado pelo colunista Stewart Alsop, escrevendo sobre sua universidade de origem: “Yale, como toda grande universidade, é formadora de numerosos homens jovens e brilhantes... que desprezam o sistema político e econômico americano”.

<sup>10</sup> Barron's National Business and Financial Weekly, “A quebra total da América, 5ª conferência anual de estudiosos socialistas”, 15/09/1969.

Como esses “homens jovens e brilhantes”, egressos das faculdades e universidades ao redor do país, procuram oportunidades para mudarem o sistema que têm sido ensinados a desacreditarem – se não, na verdade, “desprezarem” –, procuram emprego em centros de poder e influência reais no nosso país, notadamente: (i) com as novas mídias, especialmente a televisão; (ii) no governo, como “membros” e consultores de vários níveis; (iii) em cargos políticos elegíveis; (iv) como palestrantes e escritores; e (v) na docência, em vários níveis de educação.

Muitos entram no sistema empresarial – empresários ou profissionais liberais – e, para sua maior parte, rapidamente descobrem as falácias do que lhes foi ensinado. Mas aqueles que evitam o núcleo duro do sistema, geralmente permanecem em posições chaves de influência, nas quais moldam a opinião pública e a ação governamental. Em muitos casos, esses “intelectuais” terminam em agências regulatórias ou departamentos governamentais com grande autoridade sobre o sistema empresarial, no qual não acreditam.

Se a análise acima soa plausível, a tarefa prioritária da empresa – e das organizações, como a Câmara – é endereçada ao *campus*, origem dessa hostilidade. Poucas coisas são mais santificadas na vida americana do que a liberdade acadêmica. Seria fatal atacar isso como princípio. Mas se a liberdade acadêmica é para preservar as qualidades de “abertura”, “equidade” e “equilíbrio” – que são essenciais para sua significância intelectual –, há grande oportunidade para a ação construtiva. O cerne de tal ação deve ser restaurar as qualidades há pouco mencionadas das comunidades acadêmicas.

### **O QUE PODE SER FEITO SOBRE O CAMPUS?**

A responsabilidade última pela integridade intelectual do *campus* deve permanecer sobre a administração e faculdades de nossas universidades. Mas as organizações, tais como a Câmara [de Comércio], podem auxiliar e ativar mudanças construtivas de muitas maneiras, incluindo as seguintes:

#### **Corpo de Acadêmicos**

A Câmara deveria considerar o estabelecimento de um corpo de acadêmicos altamente qualificados nas ciências sociais, que acreditem no sistema. Deveria incluir muitos de reputação nacional, cuja autoridade seria amplamente respeitada, mesmo quando se discorda deles.

#### **Corpo de Palestrantes**

Também deveria existir um corpo de palestrantes de altíssima competência, que poderia incluir acadêmicos, mas certamente aqueles que falariam pela Câmara teriam de articular com a produção dos acadêmicos.

### **Departamento de Palestrantes**

Em complemento com o corpo exclusivo de palestrantes, a Câmara deveria ter um departamento de palestrantes que poderia incluir os defensores mais capazes e efetivos dos altos escalões das empresas americanas.

### **Avaliação de manuais**

O corpo de acadêmicos (ou, preferencialmente, um plantel de acadêmicos independentes) deveria avaliar os livros-texto de ciências sociais, especialmente em economia, ciência política e sociologia. Esse deveria ser um programa contínuo.

O objetivo de tal avaliação deveria ser orientado para restaurar o equilíbrio essencial à genuína liberdade acadêmica. Isso incluiria garantir o justo e factual tratamento ao nosso sistema de governo e ao nosso sistema empresarial, suas conquistas, suas relações básicas com os direitos e liberdades individuais, sua comparação com os sistemas socialistas, fascistas e comunistas. Muitos dos livros-texto existentes possuem algum tipo de comparação, mas muitos são superficiais, enviesados e injustos.

Nós temos visto o movimento pelos direitos civis insistir em reescrever muitos dos livros-texto de nossas universidades e escolas. Assim como os sindicatos insistem que os livros-texto sejam justos com o ponto de vista do trabalho organizado. Outros grupos de cidadãos interessados não têm hesitado em revisar, analisar e criticar livros-texto e materiais de ensino. Numa sociedade democrática, esse pode ser um processo construtivo e deve ser resguardado como um auxílio para a genuína liberdade acadêmica e não como uma intromissão sobre ela.

Caso os autores, editoras e usuários de livros-texto souberem que serão submetidos – honesta, justa e minuciosamente – à revisão e à crítica por acadêmicos eminentes que acreditam no sistema americano, um retorno a um equilíbrio mais racional pode ser esperado.

### **Equilíbrio de Tempo no *Campus***

A Câmara deveria insistir sobre o equilíbrio de tempo no circuito de palestras nas faculdades. O FBI publica a cada ano uma lista de palestras realizadas nos *campi* das faculdades pelos, publicamente, assumidos comunistas. O número em 1970 excedia 100. Ocorreram, claro, muitas centenas de palestras de esquerdistas e ultraliberais que instam o tipo de ponto de vista indicado anteriormente nesse memorando. Não ocorreu representação correspondente da empresa americana ou, em verdade, de indivíduos ou organizações que apareciam em defesa do sistema americano de governo e empresa.

Todo *campus* tem seu grupo formal e informal que convida palestrantes. Cada escola de direito realiza a mesma coisa. Muitas universidades e faculdades oficialmente patrocinam palestras e séries de falas. Nós todos sabemos a inadequada representação da empresa nessas séries.

Será dito que poucos convites foram estendidos a palestrantes da Câmara<sup>11</sup>. Sem dúvida, isso seria verdade, caso a Câmara agressivamente insistisse sobre o direito de ser ouvida – em verdade, insistisse sobre “equilíbrio de tempo”. Administradores de universidades e a grande maioria dos grupos de estudantes e comitês não gostariam de serem postos, publicamente, na posição de recusa de um fórum de visões diversas; na verdade, esta é a desculpa clássica para permitir a fala de comunistas.

Os dois ingredientes essenciais são (i) ter expositores atraentes, articulados e bem informados; e (ii) exercer pressão – pública ou privada – em qualquer grau pode ser necessário para assegurar oportunidades de fala. O objetivo sempre deve ser informar e esclarecer, não meramente a propaganda.

### **Equilíbrio do Corpo Docente**

Talvez o problema mais fundamental seja o desequilíbrio do corpo docente. Corrigir isso é, na verdade, um projeto de longo alcance e difícil. Ainda assim, isso deve ser empreendido como uma parte do programa geral. Isso significaria o apelo, sobre os administradores da universidade e o corpo de conselheiros, da necessidade de equilibrar o corpo docente.

O método a ser empregado requer cuidadosa reflexão e os óbvios erros comuns devem ser evitados. Pressão imprópria seria contraprodutiva. Porém, os conceitos básicos de equilíbrio, equidade e verdade são difíceis de resistir, se apresentados apropriadamente ao corpo de conselheiros, por meio escrito ou oral e pelo apelo à associação e grupos de egressos [alumni].

Esse é um longo caminho, não adequado para covardes. Mas se perseguido com integridade e convicção, poderia conduzir ao fortalecimento tanto da liberdade acadêmica, quanto do *campus*, bem como dos valores que têm feito a América a mais produtiva de todas as sociedades.

### **Escola de Pós-Graduação em Negócios [Business Schools]**

A Câmara deveria aproveitar uma boa relação particular com as crescentes e influentes escolas de pós-graduação em negócios. Muito do que tem sido sugerido acima se aplica a tais escolas.

Não deveria a Câmara também requisitar cursos específicos em tais escolas, abordando em sua integridade o corpo de problemas endereçados nesse memorando? Esse é agora o treinamento essencial para executivos do futuro.

### **A educação secundária**

Embora a prioridade deva ser no nível da faculdade, as tendências mencionadas acima são crescentemente evidentes no colegial [ensino médio]. Programas

<sup>11</sup> Sobre a liberdade de discurso ter sido negada para todos os que expressam pontos de vista moderados ou conservadores em muitos *campi*.

de ação, adaptados ao colegial e similares àqueles mencionados, devem ser considerados. A implementação, por sua vez, poderia tornar-se um importante programa para as Câmaras de Comércio locais, embora o controle e a direção – especialmente o controle de qualidade – deva ser retido pela Câmara Nacional.

### **O QUE PODE SER FEITO SOBRE O PÚBLICO?**

Alcançar o *campus* e a educação secundária é vital no longo prazo. Atingir o público em geral pode ser mais importante no curto prazo. O mais essencial é estabelecer o corpo de eminentes pesquisadores, escritores e palestrantes que elaborarão o pensamento, a análise, os escritos e as falas. Também será essencial ter um corpo de pessoas que são muito familiares com a mídia e em como ser efetivo na comunicação com o público. Entre os meios mais óbvios, estão os seguintes:

#### **Televisão**

A rede nacional de televisão deveria ser monitorada da mesma maneira que os livros-textos deveriam ser mantidos sob constante vigilância. Isso aplica-se não somente aos chamados programas educacionais (tais como “Selling of the Pentagon”), mas também às “análises das notícias” diárias que quase sempre incluem os mais traiçoeiros tipos de crítica ao sistema empresarial<sup>12</sup>. Se essa crítica resulta de hostilidade ou ignorância econômica, o resultado é a gradual erosão da confiança nos “negócios” e na livre empresa.

Esse monitoramento, para ser efetivo, exigiria a constante análise dos textos de adequada amostra de programas. Reclamações – para a mídia e para a Comissão Federal de Comunicação – devem ser feitas pronta e energicamente quando programas são injustos ou imprecisos.

Tempo igual deveria ser demandado quando apropriado. Esforço deveria ser efetuado para ver quais os programas de debates (The Today Show, Meet the Press, etc.) proporcionam, ao menos, tanta oportunidade para os defensores do sistema americano participarem quanto proporcionam para aqueles que o atacam.

#### **Outras mídias**

O rádio e a mídia impressa também são importantes e todo meio disponível deveria ser empregado para desafiar e refutar ataques injustos, bem como apresentar ações afirmativas por meio dessas mídias.

<sup>12</sup> Estima-se que meia hora noturna dos programas das redes atinge diariamente cerca de 50 milhões de americanos.

### **As revistas acadêmicas**

Esse meio é especialmente importante para os “acadêmicos universitários” da Câmara publicarem. Uma das chaves do sucesso dos professores universitários liberais e esquerdistas tem sido sua paixão por “publicações” e “palestras”. Uma paixão similar deve existir entre os acadêmicos da Câmara. Incentivos podem ser inventados para induzir mais “publicação” pelos acadêmicos independentes que acreditam no sistema.

Deveria existir um bom e sustentável fluxo de artigos acadêmicos por um amplo espectro de revistas e periódicos – abrangendo das revistas populares (Life, Look, Reader’s Digest, etc.) até as mais intelectuais (Atlantic, Harper’s, Saturday Review, New York, etc.)<sup>13</sup>, passando pelas várias revistas profissionais.

### **Livros, brochuras e panfletos**

Os novos estandes – nos aeroportos, farmácias e onde mais houver – são preenchidos com brochuras e panfletos em favor de tudo, da revolução ao amor erótico livre. Uns acham quase nenhum atrativo em bem escritos panfletos e brochuras do “nosso lado”. Será difícil competir com um Eldridge Cleaver ou mesmo com um Charles Reich pela atenção dos leitores, mas a menos que o esforço seja feito – em uma escala grande o suficiente e com imaginação apropriada para assegurar algum sucesso –, essa oportunidade para educar o público será inevitavelmente perdida.

### **Anúncio pago**

Empresas pagam centenas de milhões de dólares pela propaganda na mídia. Grande parte apoia produtos específicos, outra parte importante apoia a constituição da imagem institucional e alguma fração apoia o sistema. Porém, o último tem sido mais ou menos tangencial, raramente parte de um sustentado e importante esforço para informar e esclarecer os americanos.

Se as empresas americanas devotarem apenas 10% do total anual de seu orçamento para propaganda para esse propósito geral, seria um gasto similar ao de um estadista.

### **A ARENA POLÍTICA NEGLIGENCIADA**

Em última análise, o desfecho – exceto revolução – é o que o governo faz. Empresas têm sido o bode expiatório favorito para muitos dos políticos por muitos anos. Mas a mensuração do quão longe isso tem ido é talvez melhor encontrada nas visões antiempresa que são expressadas por muitos dos principais candidatos para a presidência dos Estados Unidos.

<sup>13</sup> Uma ilustração do tipo de artigo que não deveria ficar sem resposta apareceu no popular “The New York” de 19/07/1971. Esse era intitulado “Um Manifesto Populista” pelo ultraliberal Jack Newfield, que argumentou que “a necessidade fundamental em nosso país é ‘redistribuir riqueza’”.

Ainda é uma doutrina marxista que os países “capitalistas” sejam controlados pelas grandes empresas. Essa doutrina, sempre uma parte da propaganda esquerdista por todo o mundo, tem um amplo público de seguidores entre os americanos.

Ainda que, como todo o executivo de empresa saiba, poucos elementos na sociedade americana de hoje tenham tão pouca influência no governo como os empresários americanos, a corporação, ou mesmo os milhões de acionistas das corporações. Se alguém duvida disso, deixe-o encarregar-se do papel de “lobista” para o ponto de vista das empresas antes dos comitês do congresso [comissões parlamentares]. A mesma situação obtém nos corredores do legislativo de muitos estados e das grandes cidades. Alguém não exagera ao dizer que, em termos de influência política no que diz respeito ao curso do legislativo e ações do governo, os executivos das empresas americanas são os verdadeiros “homens esquecidos”.

Exemplos correntes da impotência das empresas e do quase desprezo com o qual as visões dos homens de negócios são sustentadas, são as debandadas dos políticos para apoiarem quase toda legislação relacionada com “consumismo” ou “meio ambiente”.

Políticos refletem o que eles acreditam que seja a maioria das visões de seus eleitores. Isso é tão evidente que muitos dos políticos estão fazendo o julgamento que o público tem pouca simpatia pelos homens de negócios ou seu ponto de vista.

O programa educacional sugerido acima seria desenhado para esclarecer o pensamento público – não tanto sobre os homens de negócios e seu papel individual, mas sim sobre o sistema que ele administra e que fornece os bens, os serviços e o emprego do qual nosso país depende.

Mas não se deveria postergar uma ação política mais direta, enquanto se espera pela mudança gradual na opinião pública a ser efetuada pela educação e informação. A empresa deve aprender a lição, há muito aprendida pelos trabalhadores e outros grupos de interesse. Essa lição é de que o poder político é necessário, que tal poder deve ser assiduamente cultivado, que, quando necessário, ele deve ser usado agressivamente e com determinação – sem o constrangimento e sem a relutância que tem sido tão característica da empresa americana.

Por mais desagradável que possa ser para a Câmara, ela deveria considerar assumir um amplo e mais vigoroso papel na arena política.

## **OPORTUNIDADES NEGLIGENCIADAS NO JUDICIÁRIO**

A empresa americana e o sistema empresarial têm sido afetados tanto pelo judiciário, quanto pelo executivo e legislativo que perfazem o governo. Sob nosso sistema constitucional, especialmente com uma mente ativista na Suprema Corte, o judiciário pode ser o mais importante instrumento para a mudança social, econômica e política.

Outras organizações e grupos, reconhecendo isso, têm sido muito mais astutos em explorarem as ações judiciais do que a empresa americana. Talvez, os mais ativos exploradores do sistema judicial tenham sido grupos abrangentes em suas orientações políticas, de liberais até a extrema esquerda.

A União Americana pelas Liberdades Civis [American Civil Liberties Union] é um exemplo. Inicia causas ou intervêm em seus resultados a cada ano, e anexa resumos *amicus curiae* [jurisperito] na Suprema Corte em inúmeros casos em cada período de seu funcionamento. Sindicatos, grupos em favor dos direitos civis e, agora, as firmas de advocacia de direito público são extremamente ativas na arena judicial. Seu sucesso, muitas vezes à custa das empresas, não tem sido inconsequente.

Essa é uma vasta área de oportunidade para a Câmara, se desejar assumir o papel de porta-voz da empresa americana e se, em troca, a empresa desejar prover os fundos financeiros.

Como a respeito dos acadêmicos e palestrantes, a Câmara necessitaria de um corpo altamente competente de advogados. Em situações especiais, deveria ser autorizado engajar-se ou aparecer como advogado *amicus* [amigo] na Suprema Corte. Advogados de reputação e renome nacionais. Grande cuidado deve ser exercido em selecionar os casos em que participar ou convenientes a iniciar. Porém, a oportunidade merece o necessário esforço.

### **O PODER NEGLIGENCIADO DOS ACIONISTAS**

O membro médio do público pensa a “empresa” como uma entidade corporativa impessoal, detida por alguém muito rico ou gerenciada por executivos muito bem remunerados. Há, em quase todos, a falha em apreciar que a “empresa” atualmente abraça – de uma maneira ou outra – muitos americanos. Aqueles para quem a empresa fornece emprego constituem uma classe óbvia. Porém, os vinte milhões de acionistas, muitos dos quais têm modestos recursos, são os reais proprietários, os reais empresários, os reais capitalistas sob nosso sistema. Eles fornecem o capital que abastece o sistema econômico, que tem produzido o mais elevado padrão de vida de toda a história. Contudo, os acionistas têm sido tão ineficazes quanto os executivos em promoverem um entendimento genuíno de nosso sistema ou exercerem influência política.

A questão que merece o mais completo exame é como o peso e a influência dos acionistas podem – 20 milhões de votos – ser mobilizados para apoiar (i) um programa educacional e (ii) um programa de ação política.

Corporações individuais estão, agora, obrigadas a fazerem numerosos relatórios para os acionistas. Essas oportunidades de comunicação podem ser usadas muito mais eficazmente como mídia educacional.

A própria corporação deve restringir sua tomada de ação política e deve,

claro, cumprir com as leis aplicáveis. Mas não é factível – por meio de um afiliado da Câmara ou não – estabelecer uma organização nacional de acionistas americanos e dotá-la de musculatura suficiente para ser influente?

### **UMA ATITUDE MAIS AGRESSIVA**

Os interesses da empresa – especialmente da grande empresa e de suas organizações de comércio nacionais – têm tentado manter a discrição, especialmente com respeito à ação política.

Como sugerido no artigo do jornal Wall Street, tem sido uma característica geral da média dos executivos ser tolerante – ao menos em público – para com aqueles que atacam suas corporações e o sistema. Muitos poucos homens de negócios e organizações empresariais respondem à altura. Tem existido uma disposição em apaziguar, em considerar a oposição como disposta ao acordo, ou como provável esquecimento da contenda no seu devido tempo.

A empresa tem se esquivado dos confrontos políticos. A empresa, muito compreensivelmente, tem sido repelida pela multiplicidade de demandas “não negociáveis” feitas constantemente pelos grupos de interesse de todos os tipos.

Embora nem os responsáveis pelos interesses da empresa, nem a Câmara de Comércio dos Estados Unidos, envolvessem-se nas táticas irresponsáveis de certos grupos de pressão, é essencial que os porta-vozes do sistema empresarial – em todos os níveis e em todas as oportunidades – sejam muito mais agressivos do que no passado.

Não deveria haver recuo em atacar os Naders, os Marcuses e outros que, abertamente, procuram a destruição do sistema. Não deveria haver o menor recuo em pressionar, vigorosamente, em toda arena política, pelo apoio do sistema empresarial. Nem deveria haver relutância em penalizar politicamente aqueles que o opõem.

A esse respeito, lições podem ser aprendidas dos trabalhadores organizados. Os dirigentes da AFL-CIO podem não parecer para os homens de negócios como os cidadãos mais adoráveis ou de mentalidade pública. Porém, ao longo de muitos anos, os dirigentes das organizações nacionais de trabalhadores têm realizado, muito eficazmente, o que eles são pagos para fazerem. Podem não ter sido adorados, mas têm sido respeitados – nos lugares em que isso mais conta – pelos políticos, no *campus* e entre a mídia.

É o tempo para a empresa americana – que tem demonstrado grande capacidade, em toda a sua história, para produzir e influenciar as decisões dos consumidores – aplicar, vigorosamente, seu grande talento para preservação do próprio sistema.

## **O CUSTO**

O tipo de programa descrito acima (que inclui uma combinação de uma ampla base de educação e ação política), caso conduzido em longo prazo e com pessoal adequado, requereria apoio financeiro muito mais generoso do que as corporações americanas têm destinado à Câmara até então. Elevado nível de participação no gerenciamento dos assuntos da Câmara também seria requerido.

O corpo de funcionários da Câmara teria de ser, significativamente, ampliado e, com a mais alta qualidade, estabelecido e mantido. Salários teriam de ser completamente equiparados aos níveis pagos para aqueles executivos importantes para as empresas e os mais prestigiados acadêmicos. Profissionais de grande habilidade em propaganda e em trabalho com a mídia, palestrantes, advogados e outros especialistas teriam de ser recrutados.

É possível que a organização da própria Câmara beneficiar-se-ia da reestruturação. Por exemplo, como sugerido pela experiência sindical, o gabinete do presidente da Câmara poderia ser um emprego de carreira, com dedicação exclusiva. Para assegurar máxima efetividade e continuidade, o chefe-executivo do gabinete da Câmara não deveria ser trocado todo o ano. As funções hoje largamente exercidas pelo presidente poderiam ser transferidas para o presidente do conselho, anualmente eleito pelos membros. O conselho, claro, continuaria a exercer o controle político.

## **CONTROLE DE QUALIDADE É ESSENCIAL**

Ingrediente essencial de todo o programa deverá ser responsabilidade e “controle de qualidade”. As publicações, os artigos, as palestras, os programas de mídia, os anúncios, os autos escritos nos tribunais e as aparições perante os comitês legislativos, devem obedecer aos mais exatos, acurados e profissionais padrões de excelência. Devem merecer respeito pelo seu nível de responsabilidade pública e erudição, seja de quem concorde com os pontos de vista expressados ou não.

## **RELAÇÃO COM AS LIBERDADES**

A ameaça ao sistema empresarial não é apenas de ordem econômica. É também uma ameaça à liberdade individual.

É essa grande verdade – hoje tão submersa pela retórica da Nova Esquerda e de muitos liberais – que deve ser reafirmada, para que esse programa seja significativo.

Parece haver pouca consciência de que a única alternativa à livre empresa são vários graus de regulação burocrática da liberdade individual – abrangendo desde aquelas sob o socialismo moderado até os grilhões das ditaduras da esquerda ou da direita.

Na América, já nos movemos, em verdade, muito longe para alguns aspectos do socialismo de Estado, como a necessidade e complexidade de uma vasta sociedade urbana requer tipos de regulação e controle que são quase desnecessários em épocas anteriores. Em algumas áreas, tais regulação e controle já prejudicaram seriamente a liberdade tanto das empresas, quanto do trabalho e, na verdade, do público em geral. Porém, muitas das liberdades essenciais permanecem: propriedade privada, lucro privado, sindicatos dos trabalhadores, negociação coletiva, escolha do consumidor e economia de mercado, em que a concorrência largamente determina os preços, a qualidade e a variedade dos bens e serviços fornecidos aos consumidores.

Somado ao ataque ideológico sobre o próprio sistema (discutido nesse memorando), sua essência também está ameaçada pela tributação desigual e, mais recentemente, pela inflação, que tem se mostrado incontrolável<sup>14</sup>. Mas, quaisquer que possam ser as causas da diminuição da liberdade econômica, a verdade é que liberdade, como conceito, é indivisível. Como a experiência dos Estados socialistas e totalitários demonstram, a contração e negação da liberdade econômica é seguida, inevitavelmente, pelas restrições governamentais sobre outros direitos fundamentais. É essa a mensagem, acima de todas as outras, que deve ser levada para casa pelo povo americano.

## CONCLUSÃO

Não é preciso dizer que as visões expressas são tentativas ou sugestivas. O primeiro passo deveria ser um cuidadoso estudo. Porém, isso seria um exercício de futilidade, a menos que os conselhos de diretores da Câmara aceitem a premissa fundamental desse documento – a saber, que a empresa e o sistema empresarial estão em profunda dificuldade e passa da hora sua solução.

<sup>14</sup> O recente congelamento de preços e salário pode ser bem justificado pela crise inflacionária em curso. Mas, se imposta como medida permanente, o sistema empresarial terá sustentado um golpe quase fatal.